

Família avaliza o que médico fizer

São Paulo — A preservação do corpo a baixa temperatura por dias a fio, uma nova cirurgia ou o desligamento, puro e simples, dos aparelhos que mantêm vivo o Presidente Tancredo Neves. Qualquer procedimento médico adotado ou por adotar terá o firme aval da família do Presidente enfermo, segundo um dos seus membros.

Por família, no caso, entende-se o núcleo que reúne Dona Risoleta Neves, suas duas filhas, Inês Maria e Maria do Carmo, e o filho Tancredo Augusto. Eles concordaram, desde a primeira operação a que foi submetido o Presidente em 14 de março passado, em não interferir em qualquer decisão tomada pelos médicos. “O que acharem que devem fazer, será feito”, contou um amigo íntimo da família.

Tal comportamento foi adotado, segundo esse amigo, para que os médicos se sintam à vontade para utilizar todos os recursos para salvar a vida do Presidente — e também para que a família, depois, tenha autoridade para cobrar quaisquer responsabilidades por procedimentos médicos que, porventura, não tenham sido os mais adequados. Alguns desses procedimentos foram registrados no período de hospitalização em Brasília.

Dona Risoleta e os filhos do Presidente se recusam, por enquanto, em examinar a questão de público, mas esse amigo deles admitiu que a família estranhou, por exemplo, o fato de a primeira

operação ter sido assistida por cerca de 30 pessoas que nada tinham a ver com o ato cirúrgico — entre elas, deputados e senadores, ministros e até funcionários do segundo escalão do Governo.

A operação ocorreu numa sala cirúrgica do subsolo do Hospital de Base de Brasília — mas até chegar lá, o Presidente foi desviado, por engano, para uma sala dois andares acima, onde estavam sendo operadas duas pessoas vítimas de atentados a bala. Os médicos que assistiam o Presidente em Brasília, e até mesmo os paulistas que dele se encarregaram depois, rumaram para o aeroporto de Brasília no dia do seu traslado para São Paulo e se esqueceram de ir buscá-lo no Hospital de Base.

De resto, no período de internação em Brasília, o comparecimento em massa de políticos ao hospital atrapalhou mais que ajudou o estado do Presidente. Esse amigo da família lembrou de uma reunião ministerial realizada dentro do hospital, 72 horas antes da segunda cirurgia, para discutir os termos de um comunicado médico a ser divulgado dali a pouco.

A reunião foi dissolvida por interferência de um familiar do Presidente, que a julgou sem sentido. Tais episódios não se repetiram desde que o Presidente foi removido para São Paulo. A família reconhece que a equipe do médico Walter Pinotti tem feito tudo ao seu alcance para salvar a vida do Presidente mas que tem esbarrado em fatos para os quais não tem encontrado explicações satisfatórias.

“A enfermidade do Presidente tem dado um banho nos médicos”, sugeriu o amigo da família. “O conhecimento que eles possuem, os tratados, os livros, nada tem ajudado muito a equipe para resolver o problema”, explicou. Na última quinta-feira, quando a necessidade da sétima operação foi admitida, Pinotti cogitou de convidar alguns médicos dos Estados Unidos para ajudá-lo no ato.

O agravamento do quadro de saúde do Presidente não deu tempo para que o convite fosse feito. A família, para ser coerente com a decisão de não interferir na conduta médica, avalizou a idéia. Como avalizaria, conforme esse amigo, uma possível decisão dos médicos de levarem o Presidente para tratamento nos Estados Unidos. Tal coisa poderia ter acontecido se o estado do Presidente não tivesse se agravado depois da remoção para São Paulo.

A família alimenta a esperança na recuperação do Presidente mas reconhece que só um milagre poderia ser responsável por isso. Salvo raríssimas ocasiões de melhora, o estado do Presidente Tancredo Neves só tem feito piorar desde a primeira operação. “Ele parece descer uma escada. Às vezes estanca em um degrau mas, depois, retoma a descida. Não conseguiu ainda subir degrau algum”, comparou o amigo,